

LEITURA E ESCRITA COMO PRÁTICA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE À LUZ DE PAULO FREIRE

Adrielly Alves Santana ¹

RESUMO

Este artigo busca analisar a relação entre leitura, escrita e transformação social sob a perspectiva de Paulo Freire, especialmente com base na obra "A Importância do Ato de Ler". O objetivo central é compreender como a leitura, para além da decodificação de palavras, configura-se como um ato político capaz de impulsionar a luta por justiça social e a superação das desigualdades. A metodologia adotada consiste em uma revisão bibliográfica da obra freiriana, complementada por comentários de estudiosos do autor e análises de outros especialistas. A partir dessa análise, busca-se estabelecer a relação entre a leitura do mundo e a leitura da palavra, explorando como a compreensão crítica da realidade precede e fundamenta a alfabetização. Os resultados e discussões revelam que, para Freire, a leitura não se limita à aquisição de habilidades técnicas, mas implica em um processo de conscientização e engajamento. A leitura do mundo, ou seja, a capacidade de reconhecer-se e posicionar-se diante do mundo, através da análise crítica das estruturas sociais e das relações de poder, é fundamental para que a leitura da palavra se torne um instrumento de transformação. A escrita, por sua vez, torna-se um instrumento de expressão. A alfabetização, nesse contexto, deixa de ser um ato neutro e passa a ser uma ferramenta de empoderamento, permitindo que os indivíduos se tornem sujeitos ativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A obra de Freire nos convida a repensar o papel da educação e da leitura na sociedade, destacando a importância de uma prática pedagógica que estimule a reflexão crítica e a ação transformadora. Ao compreender a leitura e a escrita como atos políticos, podemos vislumbrar um futuro em que a educação seja um instrumento de libertação e emancipação.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Transformação social, Alfabetização, Educação crítica.

INTRODUÇÃO

A educação, em seu sentido mais profundo, transcende o mero domínio de técnicas e a acumulação de conteúdos. Para Paulo Freire, patrono da educação brasileira, o ato educativo é, inerentemente, um ato político, e a leitura e a escrita são ferramentas essenciais nesse processo de humanização e transformação da realidade.

A obra *A Importância do Ato de Ler* de Freire (1989), composta por três artigos, estabelece o alicerce para a compreensão da leitura como um processo que se inicia muito antes do contato com as letras impressas. O autor enfatiza que a alfabetização de adultos é, e sempre foi, um ato político. É na interface entre a experiência vivida e a reflexão crítica que a palavra ganha sentido e potência transformadora.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, adriellysantana068@gmail.com;



O objetivo central deste artigo é analisar a perspectiva de Paulo Freire sobre a leitura e a escrita como elementos catalisadores da transformação social e da luta por justiça. Busca-se compreender como a conscientização da realidade, ou a "leitura do mundo", precede e informa a "leitura da palavra", capacitando o indivíduo a se tornar um sujeito ativo em sua própria história e na sociedade.

A urgência dessa análise reside no fato de que, em sociedades marcadas por profundas desigualdades, a educação pode ser tanto um instrumento de reprodução do *status quo* (a chamada "educação bancária") quanto uma prática de liberdade. Freire nos oferece um caminho para que a educação se torne um instrumento de emancipação, capaz de promover a superação da contradição opressores-oprimidos (FREIRE, 1987, p. 36).

METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, pautada no método de revisão bibliográfica de cunho analítico-interpretativo. O trabalho baseia-se na análise detalhada da obra *A Importância do Ato de Ler* (Freire, 1989), interpretando os conceitos centrais da pedagogia freiriana, como a dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra e o processo de conscientização.

Para enriquecer e contextualizar a análise, a metodologia incluiu uma revisão teórica complementar que integrou autores cujas contribuições para a compreensão do processo de aquisição da linguagem e do conhecimento se articulam com a proposta freiriana, notadamente Lev Vygotsky (abordagem sociocultural) e Emilia Ferreiro (psicogênese da língua escrita).

O percurso metodológico incluiu a análise da obra central, com a interpretação dos conceitos freirianos fundamentais presentes no livro, seguida da complementação teórica, que consistiu na busca e incorporação de citações e análises de outras obras de Paulo Freire (*Pedagogia do Oprimido*, *Pedagogia da Autonomia*) e de estudiosos que comentam seu pensamento, visando a aprofundar a discussão sobre a educação como prática da liberdade e a conscientização.

Desse modo, a metodologia buscou não apenas descrever o pensamento freiriano, mas interpretá-lo e aplicá-lo ao contexto da transformação social, enfatizando o papel do indivíduo.



REFERENCIAL TEÓRICO

O cerne do pensamento de Paulo Freire sobre a leitura e a escrita repousa sobre a ideia de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Esta é a principal tese que diferencia sua pedagogia de métodos tradicionais.

Para Freire, o ser humano está em um permanente movimento de busca, fazendo e refazendo o seu saber. O conhecimento exige uma presença curiosa e transformadora do sujeito em face da realidade. A leitura do mundo é a capacidade de reconhecer-se e posicionar-se diante do contexto social, analisando criticamente as estruturas de poder e as relações injustas.

Esse processo não é passivo; é um ato de conhecimento, criador e político. O educando deve ser desafiado a pensar e analisar a realidade, em vez de memorizar mecanicamente informações. A reflexão crítica, ou conscientização, é a chave para que a leitura da palavra se torne significativa.

A conhecida crítica de Freire ao saber superficial ilustra a profundidade de sua proposta:

Não basta saber ler que 'Eva viu a uva'. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho. (FREIRE, 2001, *apud* GADOTTI, 1996).

A leitura, assim, não é um fim em si mesma, mas um meio para a apreensão crítica da realidade.

Freire estabeleceu um contraste fundamental entre dois modelos pedagógicos, que se refletem diretamente na prática da leitura e escrita: Educação Bancária e Educação libertadora.

A educação libertadora opõe-se à "educação bancária" (FREIRE, 1987), que domestica e aliena ao transferir conhecimentos como depósitos. Freire insiste que "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, p. 22). O leitor verdadeiro, engajado nessa pedagogia, se compromete com o texto e, fundamentalmente, com a realidade que o texto descreve ou oculta. A leitura se torna um ato de amor e coragem, que exige reflexão, e não temor ao debate (FREIRE, 1999).

Para Vygotsky, o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores, incluindo a leitura e a escrita, ocorre primeiramente no plano social (interpessoal) e,



posteriormente, no plano individual (intrapsíquico) (VYGOTSKY, 1987). Essa abordagem oferece um forte suporte teórico à pedagogia freiriana.

Vygotsky (1987) defende que a linguagem é a ferramenta psicológica fundamental que medeia a relação do indivíduo com o mundo e com o outro. O aprendizado da escrita, em particular, é um sistema de mediação complexo que exige um alto nível de abstração. No entanto, o seu desenvolvimento está profundamente enraizado nas interações sociais e no contexto cultural da criança ou do adulto.

Essa ênfase na interação e no diálogo é perfeitamente convergente com Freire, que define a educação como um ato de diálogo entre sujeitos. Freire argumenta que a prática pedagógica deve respeitar e assumir a "ingenuidade dos educandos" para, por meio do diálogo, superá-la em direção à criticidade. O diálogo freiriano, assim como a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) de Vygotsky, atua como um catalisador para a expansão do saber, onde "Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina a aprender" (FREIRE, 1996). Ambos os autores valorizam o conhecimento prévio e a experiência do sujeito (a leitura do mundo, em Freire) como ponto de partida para a aquisição de novos saberes (a leitura da palavra).

A pesquisa de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre a psicogênese da língua escrita revolucionou a compreensão de como a criança (e por extensão, o adulto) aprende a ler e a escrever. A principal contribuição dessa teoria é demonstrar que o sujeito não é um recipiente passivo, mas um ativo construtor de hipóteses sobre o sistema de escrita.

Ferreiro e Teberosky (1999) mapearam as diversas fases de conceitualização da escrita (do pré-silábico ao alfabético), provando que o erro do aluno é, na verdade, uma manifestação de seu raciocínio lógico e de suas tentativas de compreender as regras do sistema. Essa visão ressoa com a pedagogia freiriana ao reforçar a ideia de que o indivíduo é um sujeito ativo e curioso que busca constantemente a "reinvenção" do saber (FREIRE, 1971).

Ao entender que a alfabetização é um processo intelectual de construção de conhecimento, e não apenas de repetição mecânica, a pedagogia crítica pode integrar Ferreiro para garantir que a leitura da palavra seja um ato de conhecimento, conforme Freire (1982b), e não apenas de decodificação técnica. O educador, nesse sentido, deve desafiar os educandos a "pensar certo" (FREIRE, 1996, p. 33), estimulando-os a desenvolverem o raciocínio crítico sobre as regras do sistema de escrita e sobre a realidade social.



A convergência dos três autores reside na negação da passividade. A leitura, seja ela do mundo (Freire), mediada socialmente (Vygotsky) ou construída ativamente (Ferreiro), é um ato que exige engajamento. Para Freire, a leitura é intrinsecamente política porque ela demanda a tomada de consciência do leitor sobre seu lugar no mundo e sobre as relações de opressão.

A capacidade de ler criticamente é, portanto, a base para a ação transformadora. Se o indivíduo não consegue ler o contexto que o oprime, as estruturas históricas e culturais que se tornam "quase naturais" (FREIRE, 1996, p. 87), ele permanece passivo, "domesticado". A leitura, ao levantar hipóteses sobre os desafios da realidade, capacita o homem a transformá-la.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo da obra freiriana revela que a alfabetização é o momento em que a leitura do mundo e a leitura da palavra se encontram dialeticamente, gerando um potencial de transformação.

O processo de alfabetização proposto por Freire, baseado em palavras geradoras extraídas do universo vocabular e existencial dos educandos, possibilita aos grupos populares uma "leitura" da "leitura" anterior do mundo. Ao decodificar a palavra, o indivíduo está, na verdade, codificando e decodificando sua própria história e sua cultura, tornando-se capaz de reconstruir sua própria voz.

A leitura e a escrita se convertem, nesse momento, em instrumentos de expressão, permitindo que o indivíduo diga sua própria palavra e, assim, se reconheça como um ser histórico e cultural.

Essa descoberta crítica do mundo conduz ao que Freire chama de práxis (ação e reflexão). O processo de transformação, possibilitado pela conscientização, aprofunda o ato de conhecimento e engaja o indivíduo na mudança social.

Tabela 1: Síntese da relação leitura-transformação social (Freire)

Dimensão da leitura	Objetivo	Resultado
Leitura do mundo	Análise das estruturas sociais e das relações de poder (conscientização).	Posicionamento crítico e reconhecimento como sujeito da história.
Leitura da palavra	Decodificação e compreensão do texto em relação direta	Aquisição de um código linguístico como instrumento



	com a realidade vivida	de comunicação e libertação.
Escrita (expressão)	Produção do próprio discurso e inserção no debate social.	Empoderamento e participação ativa na construção da sociedade.
Educação crítica	Promover a práxis: ação e reflexão contínuas sobre o mundo.	Transformação do mundo; a mudança ocorre nas pessoas, que, por sua vez, mudam a sociedade.

Fonte: Elaboração própria com base na obra de Paulo Freire (1989; 1996; 2001).

A escrita se torna o instrumento de empoderamento final. Ao dominar a palavra escrita, o indivíduo pode "dizer a sua palavra" e, finalmente, registrar sua própria história e sua cultura. A alfabetização, aqui, é a garantia de que os grupos oprimidos tenham a ferramenta de expressão necessária para se engajarem no debate democrático e na luta por justiça social. A Tabela 2, a seguir, ilustra a convergência conceitual que sustenta o potencial transformador da leitura:

Tabela 2: Convergência teórica sobre o ato da leitura

Autor	Conceito central	Implicação política da leitura
Paulo Freire	Leitura do mundo precede a leitura da palavra	Leitura como conscientização (ato de desvelamento da realidade)
L. S. Vygotsky	Linguagem como mediação (interpsíquico para intrapsíquico)	Leitura como produto de interação social e cultural (diálogo)
Emilia Ferreiro	Sujeito construtor de hipóteses	Leitura como ato intelectual e ativo, rejeitando a passividade ("depósito").
Resultado comum	Práxis (ação + reflexão)	Transformação da sociedade: educação muda as pessoas, que transformam o mundo (FREIRE, 1979).

Fonte: Elaboração própria com base no Referencial Teórico.

A práxis é o resultado direto da leitura crítica: uma vez que o indivíduo compreende sua realidade e levanta hipóteses para seus desafios, ele se torna capaz de



transformá-la (FREIRE, 1979). A escrita, nesse contexto, é o registro dessa ação e reflexão contínua.

Apesar de o processo ser individual, a finalidade é coletiva e política. Embora a educação sozinha não transforme a sociedade, sem ela, a sociedade não muda. Freire nos lembra que "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE, 1979).

Essa perspectiva exige uma ética rigorosa do educador. O educador deve respeitar a leitura do mundo do educando, não para se acomodar a ela, mas para, em um diálogo humilde, contribuir para a superação da ingenuidade em direção à criticidade.

A alfabetização libertadora, ao vincular palavra e realidade, não é um ato neutro. Ela é uma ferramenta de empoderamento que permite aos oprimidos desenvolverem sua própria voz, condição prévia para a transformação social. O objetivo final é que os indivíduos se tornem sujeitos ativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, rompendo com a ideologia da acomodação e a passividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento de Paulo Freire em *A Importância do Ato de Ler* é um convite perene a repensar a prática pedagógica e o papel da educação. A análise da relação dialética entre a leitura do mundo e a leitura da palavra demonstra que a alfabetização é um ato político e uma experiência global – ideológica, pedagógica e ética.

A leitura e a escrita, sob essa ótica, são libertadoras quando estão enraizadas na experiência, garantindo que o aprendizado não seja alienado, mas sim conectado à realidade concreta do educando. Além disso, tornam-se instrumentos de conscientização ao irem além da decodificação, promovendo a reflexão crítica sobre as estruturas de opressão. Por fim, são geradoras de práxis, pois estimulam a ação transformadora, permitindo que o indivíduo, ao compreender a realidade, levante hipóteses e busque soluções para transformá-la, criando assim um mundo próprio.

A análise da obra de Paulo Freire, em diálogo com Vygotsky e Ferreiro, solidifica a tese de que a leitura e a escrita são atos intrinsecamente políticos e ferramentas essenciais para a transformação social. Longe de serem habilidades técnicas neutras, elas constituem um processo de empoderamento que move o indivíduo da ingenuidade para a criticidade.



A leitura verdadeira exige um compromisso ético e transformador do educador e do educando. Exige que a leitura da palavra esteja sempre a serviço da leitura do mundo, capacitando os sujeitos a reconhecerem e a desmantelarem as estruturas de desigualdade.

Ao adotar uma prática pedagógica que estimule a reflexão crítica e o diálogo, a educação se torna um instrumento de libertação e emancipação, promovendo a formação de cidadãos que, conscientes de sua condição e de seu potencial, se tornam sujeitos ativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A mensagem de Freire, complementada pelos estudos sobre a natureza social e construtiva da linguagem, permanece como um farol para aqueles que veem na educação o caminho para a mudança.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: Uma Biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

SCORSIM, L. S. “Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire. Educação e Sociedade, Campinas, v. 43, e258577, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QZBhvBTZYjsjJTpgm3Tbgzs>. Acesso em: 27 out. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

